



CRIANÇAS E TERRITÓRIOS EM CONTEXTOS LATINO-AMERICANOS

CHILDREN AND TERRITORIES IN LATIN AMERICAN CONTEXTS

NIÑOS Y TERRITORIOS EN CONTEXTOS LATINO-AMERICANOS

PAISAGENS, TERRITÓRIOS E ESPAÇOS PÚBLICOS

Coordenadores

MOURA, Alessandra Soares de

Mestrado; UFBA

alessandrasoares.cidades@gmail.com

DAZA, Evelin Santander

Mestrado; UNAM

evelin.daza@fau.ufrj.br

Trabalho 1

BARRAGÁN, Robledo Liliana Sarahí

Infância em contextos de conflito armado na Serra de

Jalimich, México

Mestrado; El Colegio de Michoacán

sarahi281519@gmail.com

Trabalho 2

DAZA, Evelin Santander

Assentamentos precários brincantes

Mestrado; UNAM

evelin.daza@fau.ufrj.br

Trabalho 3

MOURA, Alessandra Soares de

Quando o pesquisador encontra crianças: modos de fazer-sentir-pensar a arquitetura

e o urbanismo

Mestrado; UFBA

alessandrasoares.cidades@gmail.com

Trabalho 4

SILVA, Rogério Correia da

Quando a Natureza “joga de volta”: o que podemos aprender com as infâncias das

crianças indígenas?

Pós-Doutorado; UFRJ

rogex.correia@gmail.com



RESUMO DA PROPOSTA GERAL DO SIMPÓSIO TEMÁTICO

APRESENTAÇÃO

Segundo o Relatório Mundial das Cidades de 2022, das Nações Unidas (ONU), aproximadamente 55% da população mundial reside em áreas urbanas. Na América Latina e no Caribe, essa tendência é ainda mais evidente, representando a segunda região com a população mais urbanizada do mundo, com aproximadamente 81% da sua população habitando zonas urbanas, ficando atrás apenas da América do Norte. No contexto brasileiro, essa urbanização é ainda maior, atingindo 85%, sublinhando a predominância da população em áreas urbanas no país. No contexto mexicano, segundo ONU Habitat (2017), o país passará de 384 cidades para 961 em 2030, nas quais se concentrará 83,2% da população nacional e onde, muito provavelmente, predominará a população pobre. Segundo a *Comisión Nacional de Vivienda* - CONAVI (2020), estima-se que 26.5% da população vai morar em condições de precariedade habitacional. Neste contexto, as crianças mais afetadas são sobretudo as meninas e meninos pretos, pardos e indígenas, segundo a UNICEF (2022).

Partimos do princípio de que a produção do espaço urbano segue um modelo único, moldado por uma concepção hegemônica, universal e predominantemente eurocêntrica (colonial), patriarcal e adultocêntrica. Essa concepção é formada a partir da disposição de oposições binárias como campo/cidade, urbano/rural, tradição/modernidade, centro/periferia, adulto/criança, entre outros binarismos, que tendem a cobrir a diversidade de modos de vida. Essa abordagem coloca o corpo do homem adulto como ponto de partida para as materializações dos territórios, pensando a terra em função da acumulação privada de capital. Decidimos, então, dialogar com e sobre crianças em um contexto latino-americano, estabelecendo conexões entre o Brasil e o México.

Esse simpósio representa uma encruzilhada de desejos, saberes e práticas, tendo a criança como ponto de partida e o brincar como fio condutor de nossas narrativas. Partindo de um conhecimento situado, com debates específicos e corporificados, afirmamos que a ciência não é neutra. É crucial considerar de onde falamos, com quem nos relacionamos e como nos expressamos. Ao cruzarmos diferentes localizações, entre Brasil e México, buscamos abordar o tema da criança e do território, abrindo caminhos para um debate latino-americano sobre a relação entre criança, espaço, o brincar e as diferentes formas de sentir e pensar a arquitetura e o urbanismo. Durante a brincadeira, a relação entre o corpo e o território afeta os sujeitos e molda seu repertório. Estas diferenciam as experiências de diversas infâncias que vivem em diferentes contextos urbanos ou rurais, onde a infância se apropria de outros elementos. O brincar é também um processo social de reterritorialização, uma atividade coletiva de sociabilidade e construção de sentido do mundo por alguém cuja identidade é definida pela condição de infância. Neste encontro, o brincar das crianças e sua relação com a cidade também será o que nos permitirá construir novos significados.

Nossa motivação para abrir este espaço de reflexão surge da necessidade de nos manifestarmos como pesquisadores latino-americanos que investigam nossa própria realidade



e buscam relações entre nossos territórios. Pensando a produção do conhecimento para além de eixos hegemônicos tanto acadêmicos como territoriais. Segundo Rabello¹, a maior parte do conhecimento sobre a infância tem sido produzida nos países do Norte e se mantém politicamente e culturalmente irrelevante em relação a como as diferentes formas culturais no Sul encaram os temas recorrentes da passagem do tempo de vida e a diferenciação humana ao longo deste percurso.

Nosso objetivo é ampliar as discussões para além das grandes cidades da América Latina, muitas vezes pensadas como uma cidade padrão e voltada para uma infância universal que responda à abordagem da Convenção sobre os direitos da criança; trazer à tona realidades e perspectivas diversas; debater a cidade contemporânea a partir do cotidiano das crianças; diálogo entre pesquisadores de diferentes campos do conhecimento sobre crianças e territórios.

Os disparadores para o debate sobre criança e território serão apresentados através de quatro trabalhos vinculados a pesquisas de mestrado ou doutorado, trazendo resultados metodológicos, práticas urbanísticas ou questões de pesquisa. As investigações abrangem áreas territoriais como a Serra de Michoacán no México, Rio de Janeiro no Brasil, Cidade do México no México, João Pessoa no Brasil, e, como contraponto, incluem a perspectiva dos indígenas Xakriabá. Os pesquisadores estão distribuídos entre Brasil e México, incluindo uma pesquisadora mexicana que realiza seu doutorado no sudeste do Brasil, uma pesquisadora do nordeste do Brasil que conduz sua pesquisa entre Brasil e México, uma pesquisadora mexicana que realiza sua pesquisa no México, e um pesquisador do sudeste do Brasil que foca sua pesquisa em territórios indígenas.

O primeiro trabalho, intitulado “Panorama da infância em contextos de conflito armado na Serra de Jalimich, México” apresenta o registro de narrativas como método de pesquisa, revaloriza o cotidiano das crianças que vivem na Serra de Michoacán, submetidas a processos de transformação agroindustrial que também acompanha as transformações dos espaços, a relação entre infância e trabalho e a violência dos conflitos armados. Esses elementos perpassam o cotidiano lúdico da infância há diversas gerações, sem que isso represente um processo a ser compreendido ou estudado. Que processos podemos incorporar para compreender a transformação da prática do brincar infantil e de seus espaços?

O segundo trabalho, denominado “Assentamentos precários brincantes” apresenta uma reflexão diante da abordagem universal do direito de brincar das crianças, onde os assentamentos precários aparecem como locais com falta de espaços livres para atender ao padrão internacional. O trabalho situa-se em assentamentos precários do Complexo da Maré

¹ Rabello Lucia, 2021, Os universalismos no estudo da infância. A criança em desenvolvimento e a criança global, Infâncias do sul global: experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil / Lucia Rabello de Castro, organizadora. – Salvador : EDUFBA, 2021. 547 p.



(Morro do Timbau, Vila dos Pinheiros), Rio de Janeiro, Brasil e em Iztapalapa, Cidade do México; e busca responder às questões: Quem são as crianças que os habitam? Quais padrões buscamos resolver? Quais são os processos que atravessam o brincar?

O terceiro trabalho do simpósio, intitulado “Quando o pesquisador encontra crianças: modos de fazer-sentir-pensar a arquitetura e o urbanismo”, busca repensar as práticas arquitetônicas e urbanísticas em resposta às crises climáticas, estabelecendo uma conexão com as crianças para sentir e imaginar as cidades. A pesquisa parte do reconhecimento de que, diante do panorama de urgência atual, é essencial procurar alternativas para refletir, pensar e conceber as cidades possíveis. O objetivo é identificar e explorar novos caminhos para tecer relações e criar associações que permitam perceber e sentir a realidade para além de uma visão universal do ser humano. A pesquisa procura encontrar frestas e possíveis alternativas à crise presente, estabelecendo uma conexão com as crianças e convocando-as a pensar e sentir junto às cidades. A metodologia inclui a realização de oficinas com crianças, proporcionando um espaço de interação e troca. Este trabalho de doutorado se desenvolve nas cidades de João Pessoa, no estado da Paraíba, Brasil, e nas cidades de Cidade do México e Cuernavaca, ambas no México. Por meio dessas oficinas, a pesquisa vai ao encontro das crianças.

O trabalho “Quando a natureza ‘joga de volta’: o que podemos aprender com as crianças indígenas?” busca compreender a importância dos ambientes externos e do contato com a natureza para a formação e educação da criança. Traz como pano de fundo os estudos sobre educação e a infância das crianças indígenas, especificamente em relação a sua circulação pela aldeia, brincadeiras e práticas que envolvem o aprendizado das atividades coletivas de seu grupo. Traz como exemplo os dados da pesquisa de doutorado realizada pelo autor com as crianças Indígenas Xakriabá. Ao final, retoma as inquietações iniciais, buscando pistas para o problema do confinamento e o distanciamento das crianças urbanas da natureza.

Os territórios da infância que são apresentados nos trabalhos deste simpósio são atravessados por categorias da produção agroindustrial, da relação de propriedade da terra, de violências diversas como a discriminação racial e étnica, a violência armada e a injustiça climática. Um exemplo é os assentamentos precários, na busca por um conceito que nos permitisse definir a Colônia Popular de Las Peñas em Iztapalapa (Cidade do México) e as favelas Vila dos Pinheiros e Morro do Timbau no Complexo da Maré (Brasil), ficou evidente que as origens da ocupação dos territórios têm suas particularidades, da mesma forma que as diferentes vulnerabilidades que afetam as crianças que ali vivem, muitas vezes se coloca a causa no exterior e não em casos particulares, evitando naturalizar as vulnerabilidades que enfrentam. Para a população urbana pobre e moradora de assentamentos precários, é certamente ainda mais importante a democratização dos processos de decisão e a criação de mecanismos organizados de escuta e debate em torno das diferentes questões urbanas.

Apesar de apresentarmos trabalhos de territórios com localizações distintas em países latino-americanos, todos encontramos relações que nos unem a partir da necessidade de compreender as nossas realidades ao destacar as interconexões entre as diversas experiências infantis e os territórios em que vivem. Esperamos que este simpósio resulte no fortalecimento de uma rede latino-americana de pesquisadores, promovendo uma reflexão sobre a



diversidade das crianças e as diferentes formas de serem abordadas. Repensamos nossos métodos de pesquisa, ao considerar as perspectivas das crianças como ponto de partida, somos desafiados a repensar nossos marcos teóricos e também uma oportunidade para repensar as hierarquias tradicionais dos debates sobre território. Além disso, desejamos que este encontro contribua para a compreensão daqueles que, na área da arquitetura e urbanismo, decidem aventurar-se na investigação com crianças, incentivando e tornando visível a importância da esta área e os desafios que ela representa, para abrir novos caminhos.

Neste sentido, abrimos esta encruzilhada com as seguintes perguntas que nos afetam: o que as distintas realidades das crianças podem contribuir para as práticas arquitetônicas e urbanísticas em contextos latino-americanos? Como podemos pensar os territórios do século XXI tendo as crianças como ponto de partida? Como a abordagem da infância afeta nossa maneira de pesquisar? Como podemos descolonizar a investigação nos nossos próprios territórios? Que conceitos de leitura dos territórios seria prudente colocar em crise para investigar com as crianças?



RESUMO do Trabalho 01

Infância em contextos de conflito armado na Sierra de Jalimich, México

Este trabalho pretende mostrar uma radiografia de como se constitui a infância em um território de herança cultural ranchero. Este projeto surge de um processo de 7 anos de acompanhamento com pessoas que vivenciam, reinterpretem, sofrem, desfrutam, estudam, auxiliam, brincam, sentem as expressões da vida como meninas e meninos. A infância se expande, vai além dos dogmas etários que normalizamos. Sabemos que as redes de aprendizagem entre meninas e meninos são acompanhadas, entre muitas coisas, por relações sociais, familiares, escolares, emocionais, recreativas, paisagísticas, tecnológicas, não humanas. Aqui apresento o funcionamento dessas redes nos ambientes de aprendizagem da vida. O ato de escrever permite-me atrair leitores, na tentativa de desenhar panoramas dos ambientes onde os conteúdos significativos na vida “presente” de meninas e meninos são aprendidos, reinterpretados e jogados. A escrita leva em conta que aspirações, sonhos, jogos, narrativas e interesses podem mudar de um dia para o outro, do quarto grado para quinto grado do ensino básico, de uma designação etária para outra (de menina para adolescente/menininha); tudo sem uma razão aparentemente “lógica”. Mudanças de interesse quase nunca são comemoradas. Quase ninguém se interessa quando Juan deixou os carrinhos para as máquinas, e depois estes para o celular e no final das nossas reuniões, quando ele deixou de se interessar pela escola para começar a procurar emprego no pomar para ganhar dinheiro. Ou quando Nancy sentiu que deixou de ser criança ao parar de brincar com bonecas e “barbies” para assistir novelas à tarde.

Aquelas pequenas mudanças que acontecem na vida e se tornam significativas para nós. desenvolva seus projetos de rota. O trabalho apresenta um fragmento da pesquisa de tese para mostrar um panorama dos ambientes onde são aprendidos e jogados aspectos da vida: comunicar como estão sendo desenhadas as trajetórias de vida da infância, como são seus aspectos identitários e emocionais, familiar, escolar, social, tecnológica e aspiracional. A pesquisa aborda a efemeridade das experiências de aprendizado de crianças e adolescentes em comunidades rurais, destacando a influência de um contexto social marcado por conflitos armados, invisibilidade nas mídias tradicionais e a expansão agroindustrial. Ele ressalta como a vida em localidades como Tocumbo, Santa Inés, Tacátzcuaro e rancherías da Sierra de Jalimich é afetada por mudanças significativas que impactam as relações e modos de vida.

A pesquisa valoriza a incerteza e a possibilidade de novas formas de interação social, explorando como diferentes gerações — crianças, adultos e idosos — se adaptam a ambientes em transformação, cercados por questões como a escassez de água e o impacto da agroindústria. O objetivo é traçar um panorama desses ambientes de aprendizagem, que revelam a herança cultural local e as esperanças e desafios que caracterizam a vida cotidiana nessas comunidades. A análise propõe compreender essas dinâmicas de maneira mais profunda, considerando as nuances das experiências vividas.



Se explora a complexidade das memórias de infância, abordando traços geracionais, contrastes e contradições. Destaca como as crianças aprendem em ambientes em constante mudança, registrando suas experiências ao longo do tempo. O espaço de escrita serve como um documento da infância contemporânea, refletindo sobre relações familiares, brincadeiras e processos de aprendizado.

A pesquisa, realizada entre 2019 e 2023, incorpora histórias e experiências que conectam ambientes urbanos e rurais, enfatizando a importância dessas vivências na formação da identidade. Além disso, menciona como essas memórias são expressas por meio de diversas formas artísticas e narrativas, permitindo um reconhecimento de experiências passadas e de "outros tempos". O texto convida a refletir sobre como essas memórias moldam nossas vidas e a importância de preservar essas histórias.

Em busca de narrativas que expressem as memórias de infância como encontros ricos em experiências e significados, destacando a importância de detalhes que muitas vezes passam despercebidos. Aborda como a nostalgia por desenhos animados, anúncios e brincadeiras revela conexões entre diferentes gerações, ressaltando a linearidade do tempo e a necessidade de refletir sobre a infância como um espaço de criação e liberdade.

Ao recordar esses momentos, podemos desafiar narrativas pré-definidas e valorizar a diversidade das experiências infantis. A reflexão sobre a infância também serve como um meio de resistência contra um mundo que frequentemente enfatiza a morte e o conflito. Por meio da imaginação e da fantasia, é possível encontrar significado e esperança, mesmo em contextos adversos.

Nos pequenos detalhes que não são ditos nas extensas narrativas que tentam categorizar os olhares e os percursos da infância, numa luta pelo prolongamento da vida através da imaginação, da dispersão e da fantasia num ambiente que parece devastador devido às contínuas promoções em geografias relacionadas à morte, ao conflito e à produção agrícola "descontrolada".

Referências

BARRAGÁN, E. **Más allá de los caminos. Los rancheros del Potrero de Herrera**. 1. ed. Zamora: El Colegio de Michoacán, 1990.

BARRAGÁN, R. T. E.. Hábitat de la cultura ranchera en la Sierra de Jalisco y Michoacán, México. Potencial para el aprovechamiento de un turismo biocultural. **International Journal of Scientific Management and Tourism**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 281–301, 2016. Disponível em: <https://ojs.scientificmanagementjournal.com/ojs/index.php/smj/article/view/217/217> Acesso em: maio 2023.

INGOLD, T. **La vida de las líneas**. 1. ed. Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2018. 236 p.



LANFRANCONI, A. **Walter Benjamin: Infancia y politización**.2017. 359 p.Tese (Doutorado em Filosofia Contemporanea)- Faculdade de Filosofia, Universidade de Barcelon, 2017. Disponível em: <https://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/119570>

SPYROU, S. . **Disclosing Childhoods: Research and Knowledge Production for a Critical Childhood Studies**. 1. ed. London: Palgrave Macmillan, 2018. 241 p.



RESUMO do Trabalho 02

Assentamentos precários brincantes.

Diante da abordagem universal do direito de brincar das crianças, os assentamentos precários aparecem como locais com falta de espaços livres para atender ao padrão internacional. O trabalho se situa em assentamentos precários do Complexo da Maré (Morro do Timbau, Vila dos Pinheiros), Rio de Janeiro, Brasil e em Iztapalapa, Cidade do México; faz parte da pesquisa de doutorado em urbanismo do PROURB, e busca responder às questões: Quem são as crianças que os habitam? Como se brinca na precariedade? Quais são os processos que atravessam o brincar?

Para nos aproximarmos das respostas, foi feita uma caracterização da população infantil com dados censitários e registros de políticas públicas que afetam os espaços abertos para brincar, com a intenção de reconhecer o território do brincar da infância e as relações entre os processos que perpassam a prática do brincar em termos de moradia, saúde e insegurança para propor outras diretrizes sobre os padrões de uma infância universal difícil de alcançar.

As crianças urbanas

A população mundial em 2020 era majoritariamente urbana 56% (cerca de 4,4 mil milhões de pessoas), das quais 1,18 mil milhões eram crianças (UNICEF, 2022). Prevê-se que esse número aumente para 70 por cento até 2050, com mais de 90 por cento do crescimento a ocorrer em África, na Ásia, na América Latina e no Caribe. No contexto desta rápida urbanização, muitas crianças acabarão em assentamentos precários (350 a 500 milhões) sem acesso a serviços ou proteção. As condições de vida nos espaços urbanos são caracterizadas por um conjunto de problemas como o direito à habitação, saneamento, água potável, mobilidade, educação e espaços de lazer, bem como aspectos relacionados à segurança viária e à proteção contra a violência social. Segundo a CEPAL (2020), as crianças e adolescentes que vivem em condições habitacionais precárias representam 44%, ao contrário de 35,8% dos adultos.

Em 2020, as crianças de 0 a 15 anos que moram na Cidade do México, representam 19% da população dessa entidade (INEGI, 2020). No município de Iztapalapa, um dos municípios com maior índice de marginalização urbana, segundo o *Consejo de evaluación de la Ciudad de México* CONEVAL (2020) é onde moram a maior população infantil de 0-17 anos na Cidade do México (24.6% da população de Iztapalapa) (CONEVAL, 2020). No Complexo da Maré, a própria configuração das moradias, com espaços internos estreitos, incentiva que o livre brincar aconteça na rua, na quadra, nas calçadas e em outros espaços no entorno da moradia. A ausência de equipamentos públicos e de infraestrutura urbana nos assentamentos precários se traduz em condições desiguais para a vida social dessas comunidades e para a fruição das famílias nesses espaços e serviços públicos.

Além da morfologia dos espaços livres, existem outros processos que intervêm e afetam a forma como as crianças brincam nos assentamentos precários.

BRINCAR NOS ASSENTAMENTOS PRECÁRIOS



O Comitê dos Direitos da Criança (CRC) na ONU (2023), apontou que, entre os principais obstáculos que existem para que as crianças conquistarem os direitos de brincar e lazer expressos no artigo 31 da Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), estão os problemas relacionados ao desenvolvimento urbano em muitas cidades.

Segundo a CEPAL (2020), a América Latina e o Caribe são a segunda região mais urbanizada do mundo, enfrentando altas taxas de desigualdade. Mais da metade das crianças e adolescentes urbanos vive em condições de precariedade habitacional. No Brasil, existem mais de 5 milhões de domicílios em aglomerados subnormais, representando 7,8% do total nacional (IBGE, 2020). Os assentamentos precários estão se expandindo para áreas de risco, sem a criação de espaços públicos adequados para lazer e convivência. No México, 26,5% da população vive em precariedade habitacional (CONAVI, 2020), com meninas e meninos pretos, pardos e indígenas sendo os mais afetados (UNICEF, 2022).

Brincar é um direito reconhecido na (CDC) pela ONU no Artigo 31. Brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, pois permite-lhes potencializar a sua imaginação, explorar o ambiente em que se inserem, expressar a sua visão particular do mundo, manifestando-a através da sua criatividade através da linguagem oral e corporal, e o desenvolvimento de competências socioemocionais e psicomotoras que se materializam na relação entre as próprias crianças e adultos.

O brincar pode ser afetado por condições espaciais de segregação, discriminação, proibição e outras formas de violência. As condições ambientais também determinam as oportunidades que as crianças têm para brincar, como foi demonstrado na pesquisa de Coelho (2013) essa interação com o ambiente na favela da Rocinha, onde as experiências com o lugar no brincar é variada, pois influenciada por diversas temáticas como renda, gênero, origem étnica, etcetera.

Referências

CEPAL, **Desafios: Infancia y desigualdad habitacional urbana en América Latina y el Caribe**. CEPAL, Panamá, n.23, 2020. Disponível em: <https://www.cepal.org/es/notas/infancia-desigualdad-habitacional-urbana-america-latina-caribe>

COELHO, Glauci; DUARTE, Cristiane Rose; VASCONCELOS, Vera M. R. de. **A criança e o espaço vivido favela: a complexidade do espaço nas interações da infância**. Oculum Ensaios, [S. l.], n. 6, p. 74–87, 2013. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/377>.

ONU, COMITÉ DE LOS DERECHOS DEL NIÑO (CRC), **Observación General n. 12, “El derecho del niño a ser escuchado”**, 2009. Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2011/7532.pdf>

CONAVI- COMISIÓN NACIONAL DE VIVIENDA, **Rezago Habitacional 2020. Encuesta Nacional de Ingreso y Gasto de los Hogare**. MÉXICO:CONAVI, 2020. Disponível em: https://siesco.conavi.gob.mx/doc/analisis/2021/Censo_Rezago_ENIGH_2020.pdf

CONEVAL- Consejo Nacional de Evaluación de la Política de Desarrollo Social, **Informe de pobreza y evaluación**. 2020, **120pp**.



IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Notas técnicas: Aglomerados Subnormais: Classificação preliminar e informações de saúde para o enfrentamento à Covid-19.** Brasília, DF:IBGE, 2020. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101717_notas_tecnicas.pdf

INEGI- INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA. **Censo de población y vivienda de México 2020.** México, INEGI 2020.

REDES da Maré. **Boletim Direito à segurança pública na Maré 2022.** Rio de Janeiro, 2022. [Arquivo PDF] Disponível em: https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/RdM_Boletim_dir_eito_SegPubli23.pdf

UNICEF **Strategic note on UNICEF's work for children in urban settings Second Edition**, 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/media/133771/file/Strategic%20note%20on%20UNICEF's%20work%20for%20children%20in%20urban%20settings.pdf>

UNICEF **Observación general (CRC) núm. 26 (2023), relativa a los derechos del niño y el medio ambiente, con particular atención al cambio climático**, 2023.



RESUMO do Trabalho 03

Quando o pesquisador encontra crianças: modos de fazer - sentir - pensar a arquitetura e o urbanismo

O contínuo aumento da temperatura tem desencadeado mudanças significativas nos padrões climáticos, como enfatizado pela ONU ao destacar que a última década foi a mais quente já registrada. O relatório de 2022 do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) segue o mesmo caminho ao alertar para os efeitos generalizados das mudanças climáticas em escala global. Além disso, os recordes globais de temperatura têm sido quebrados de forma contínua nos últimos 11 meses, sinalizando uma tendência preocupante de aquecimento em todo o mundo.

Segundo Costa (2022), as transformações no ambiente urbano, evidenciadas pelo contínuo ciclo de produção e consumo, revelam uma contradição intrínseca entre um sistema expansionista e os limites do nosso planeta². Esses processos incluem mudanças climáticas, perda de biodiversidade, interferência nos ciclos de nitrogênio e fósforo, entre outros. Esse cenário nos leva a questionar o modelo atual de vida que tende a promover uma fragmentação e ignora a interdependência entre os seres humanos e o meio ambiente.

Nos aliamos ao argumento de que o mundo se encontra em um processo histórico de crise do modelo de civilização ocidental, como aponta Cusicanqui (2018), Escobar (2017) e Krenak (2019). Essas críticas propõem, entre outras coisas, questionar a episteme ocidental que se pretende universal.

É significativa a pressão que as áreas urbanas exercem sobre os ecossistemas, pois mesmo que esses territórios, que correspondam a aproximadamente 1% da superfície da Terra³, consomem cerca de 75% da energia mundial e são responsáveis por 70-80% das emissões globais de CO₂, além de serem grandes produtores de resíduos sólidos e contribuírem para a degradação florestal.

A partir desse panorama de urgência, surge a necessidade de procurar alternativas para sentir, refletir, pensar e imaginar as cidades possíveis. Tentando identificar e buscar outros caminhos para tecer relações e fazer associações que possam fazer perceber e sentir a realidade para além de uma pretensa versão universal do humano no mundo. Procurando por frestas, por possíveis alternativas à crise do presente, proponho a realização de uma conexão com crianças, convocando-as a pensar e sentir junto às cidades.

O presente trabalho representa um recorte da minha pesquisa de doutorado no programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo na Universidade Federal da Bahia. Nele, reflito

² Os "limites finitos do nosso planeta" se referem à capacidade limitada da Terra de "fornecer" recursos e absorver impactos causados pela atividade humana. Essa ideia é proposta por cientistas, incluindo Johan Rockström, que identificaram nove processos biofísicos fundamentais que regulam o sistema da Terra

³ Crippa, 2021



sobre a prática arquitetônica e busco repensar métodos de ensino e práticas profissionais diante das crises climáticas. Em meio a esse contexto, busco estabelecer uma conexão com as crianças, convidando-as a participar ativamente do processo de reflexão sobre a cidade. Questões como “Que cidade existe aos olhos da criança?”, “Qual cidade elas gostariam de habitar?” ou “O que as crianças nos convidam a imaginar sobre a cidade em um contexto de crise?” surgem junto com a consideração de Tonucci (2006) de que o processo de planejamento urbano e construção das cidades é concebido levando em consideração uma única fase da vida, a fase adulta. Para a presente pesquisa considero o corpo em relação ao espaço que permite o fazer arquitetônico e urbanístico e as crianças em relação à investigadora para questionar o modelo atual de cidades.

A hipótese da pesquisa é que a relação com a criança revela outras formas de pensar e sentir que contribuem para a investigadora que contribui para percepção espacial que contribui para a arquitetura e o urbanismo. Nessa busca por encontrar crianças decidimos utilizar o método cartográfico apontado por Passos, Kastrup e Escóssia (2014) e como caminho metodológico criar uma oficina intitulada “Brincar Parayba” e “Jugar la Ciudad” para ir ao encontro de crianças e pensar futuros possíveis.

As oficinas tiveram como foco principal de estudo a área metropolitana de João Pessoa no Brasil, mas também em um segundo momento a Cidade do México no México. Um ponto importante era compreender como se aproximar das crianças, reconhecendo a importância de tornar a abordagem da pesquisa brincante para elas. Descartando a ideia de utilizar um questionário, optei por oficinas como uma alternativa para estabelecer outros modos de diálogo. Pode ser entendido como uma brincadeira, onde cada lugar imprimia um ritmo e uma sequência específica para a oficina.

A criação deste espaço de encontro entre investigadora e criança, reflete a intenção de desfazer as barreiras tradicionais entre o observador e o observado. A investigadora torna-se um participante ativo no processo de criação de conhecimento e uma oportunidade de construir significados e caminhos juntos, a investigadora se relaciona com as crianças e a cidade. Essa simbiose adiciona uma camada à pesquisa, extrapolando as divisões entre o sujeito que observa e o sujeito observado.

As oficinas foram realizadas na cidade de João Pessoa no Brasil e na Cidade do México e Cuernavaca no México. Em ambos os contextos, as atividades foram adaptadas considerando as peculiaridades do espaço e do tempo disponíveis e do idioma. O trabalho pretende apresentar e debater os resultados encontrados nas oficinas tanto no Brasil como no México.

REFERÊNCIAS

Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability. Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability | Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability (ipcc.ch)



COSTA, Alexandre A. **Antropoceno: desmandamentos gravados em rochas in: Os Mil nomes de Gaia: do antropoceno à idade da terra**, DANOWSKI, Déborah et al(org). p.106 – 186. 2022;

CRIPPA, Monica.GUIZZARDI, Diego. PISONI, Enrico. SOLAZZO, Efisio. GUIN, Antoine. Muntean, Marilena. Florczyk, Aneta. Schiavina, Marcello. Melchiorri, Michele. Fuentes, Andres. **Global anthropogenic emissions in urban areas: patterns, trends, and challenges**. Environmental Research Letters, Volume 16, Number 7

Disponível em <https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1748-9326/ac00e2> acessado em 19 de Janeiro de 2022

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Un mundo chíxi es posible. Ensayos desde un presente en crisis**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Ed: Tinta Limón, 2018;

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño: la realización de lo comunal**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Ed: Tinta Lemón, 2017;

IBAÑEZ, Mario Rodriguez. **Ressignificando a cidade colonial e extrativista: Bem Viver a partir de contextos urbanos** in GERHARD, Dilger et al [Org.]. Livro descolonizar o imaginário: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016, p.297 – 333

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o Fim do Mundo**, São Paulo, Companhia das Letras, 2019

PASSO, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. DA ESCÓSSIA, Liliana [Org.]. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TONUCCI, Francesco. **La ciudad de los niños. ¿Por qué necesitamos de los niños para salvar las ciudades?** Localización: Ingeniería y territorio, ISSN 1695-9647, Nº. 75, 2006 (Ejemplar dedicado a: La ciudad habitable), págs. 60-67
<http://www.serpajchile.cl/web/wp-content/uploads/2017/03/Francesco-Tonucci.pdf>



RESUMO do Trabalho 04

Quando a Natureza “joga de volta”: o que podemos aprender com as infâncias das crianças indígenas?

Nos últimos anos, assistimos a mudanças sociais que impactam os cuidados com a infância, nos grandes centros urbanos. O alargamento das experiências das crianças com o mundo tecnológico, a intensificação do tráfego dos automóveis nas ruas e a insegurança dos pais em relação a circulação e a permanência de seus filhos nos espaços livres da cidade têm contribuído para uma redução do acesso aos espaços livres da cidade antes ocupados pelas crianças, produzindo sensíveis alterações nas suas práticas de brincadeiras (BENTO e PORTUGAL, 2016). Esse novo cenário tem renovado o interesse dos pesquisadores para o brincar da criança sob a ótica de sua prática nos espaços ao ar livre.

A proposta deste artigo é tratar a importância que os ambientes externos e naturais têm para a educação e o desenvolvimento da criança. Para isso, buscamos como inspiração as infâncias vividas pelas crianças indígenas, para trazer reflexões que possam nos dar pistas para pensar a vida das crianças nos contextos urbanos.

Podemos afirmar que, nas culturas indígenas, as crianças ocupam uma maior centralidade e sua autonomia é uma condição para sua educação, o que lhes permitiria maior circulação pelos espaços. As crianças teriam acesso livre a todos os espaços da aldeia, participariam das atividades coletivas de seu grupo. Isto nos faz pensar como é forte a relação de identidade delas com o território apropriado, principalmente através das suas brincadeiras. Numa certa perspectiva, podemos pensar que as brincadeiras conectam as crianças, com a história do lugar, às histórias dos seus pais e avós, às pessoas anônimas que deixaram para as gerações futuras este patrimônio. Sobre este aspecto, importante são as contribuições que nos trazem Tim Ingold e sua perspectiva ecológica de cultura. Para o autor, o conhecimento depende fundamentalmente da imersão dos sujeitos na tessitura dos fenômenos do mundo. Seu argumento vai no sentido de afirmar que o conhecimento consiste em habilidades, que são adquiridas na prática. Assim, “...a contribuição dada por cada geração às suas sucessoras se revela como uma educação da atenção” (INGOLD, 2010, p. 19). O autor nos apresenta uma forte relação entre as pessoas, o ambiente e os processos de “embodiment”, ou seja, da incorporação dos conhecimentos transmitidos. É na paisagem, constituída pelos traços que lhe foram imprimindo aqueles que a habitaram anteriormente e que a habitam no momento, que o conhecimento pode ser acessado (INGOLD, 2010, p.19). Circular e ocupar o território através das brincadeiras é para as crianças indígenas uma forma de acessar a estes conhecimentos.

Para exemplificar a importância desta relação criança, ambiente e aprendizado vamos falar um pouco das caçadas dos meninos Xakriabá (SILVA, 2011). Com cerca de 15 mil habitantes, sendo mais da metade crianças, os Xakriabá habitam a região Norte de Minas Gerais, Brasil. Como poderemos perceber, a floresta é, sim, um ambiente de caráter vivo e, nesse sentido, possui



agência sobre os humanos que nela adentram. Assim, a prática de caçar na mata possibilita aos meninos uma forma própria de circular por esse ambiente. A maneira como os meninos caminhavam na mata estava relacionada com a atenção que eles assumiam e a um olhar que, fazendo referência a Deleuze (ABECEDÁRIO, 1988), chamaria de “olhar animal”, ou “olhar à espreita”. Os sentidos dos meninos ficavam mais aguçados, atentos aos barulhos e aos movimentos que ocorriam ao seu redor. Possibilitava a eles construir uma relação de reciprocidade com o lugar, ao responderem aos estímulos e movimentos da floresta, articulando, assim, uma série de conhecimentos como leitura dos sons e rastros deixados pelos bichos, de se localizarem na mata quando se sentiam perdidos, formas de esconder a própria presença (silêncio e cheiros) e da comunicação por sinais.

Retomando as questões apresentadas no início do texto, é clara a diferença como nossa sociedade e a indígena lidam com a autonomia das crianças. Dito isso, constatamos que a circulação de nossas crianças está ficando cada vez mais restrita. Os estudos sobre a relação entre as crianças e os espaços tiveram seu impulso inicial a partir da preocupação de que as crianças urbanas estivessem se alienando do mundo natural com uma considerável redução do acesso às áreas livres. Assoma-se a esta constatação a prática muito presente do confinamento das crianças nas instituições escolares, como afirma Lea Tiriba (2018). Elas permanecem longos períodos em espaços fechados, cujas rotinas são marcadas por tempos e atividades que não respeitam seus ritmos, interesses e necessidades. O pouco contato com espaços externos e elementos da natureza (já pouco presente nos pátios) é uma realidade.

Quando as crianças brincam na natureza, ela se torna sua parceira, “joga de volta”. Assim como as crianças indígenas que brincam pelo território, as crianças dos espaços urbanos que têm acesso a esses ambientes podem usufruir dessas benesses que nos são oferecidas pelo contato com a natureza.

Finalmente, entendemos que o brincar na natureza nos espaços urbanos nos colocam desafios, interrogações e possibilidades de diálogo e aprendizado com outras culturas em relação a riqueza da experiência vivida nestes ambientes. Esta temática tem ainda muito a oferecer aos profissionais que pensam na qualidade de vida das crianças e na renovação das práticas voltadas para a infância.

REFERÊNCIAS

BENTO, G.; PORTUGAL, G. Valorizando o espaço exterior e inovando práticas pedagógicas em educação da infância. **Revista Ibero-americana de Educación**. Madrid, V. 72, p. 85-104, 2016. Disponível em: <https://rieoei.org/historico/documentos/rie72a04.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2024.

ABECEDÁRIO de Gilles Deleuze. Direção: Pierre-André Boutang. Produção: Pierre-André



Boutang para Éditions Montparnasse. Elenco: Gilles Deleuze e Claire Parnet. França: Éditions Montparnasse, 1988. 1 DVD (158 min.), son., color.

INGOLD, T. Da transmissão das representações à educação da atenção. **Educação**. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6777>. Acesso em 15 mai. 2024.

SILVA, R. C. da. **Circulando com os meninos**: participação e aprendizagem de crianças indígenas Xakriabá nas tarefas da comunidade. 2011. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o Fim do Mundo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2019